

## TERTÚLIA SOBRE O TRAJE DE DOMINGAR FEITA NO MUSEU DO TRAJE NO DIA INTERNACIONAL DOS MUSEUS

Por JOÃO ALPUIM BOTELHO (ORG)\*

Integrado no Dia Internacional dos Museus, o Museu do Traje de Viana do Castelo convidou os vianenses a participar numa tertúlia sobre o traje “de Domingar”, na exposição temporária que o Museu apresenta sobre o mesmo tema.

### A exposição

A ideia de fazer uma exposição no Museu sobre o traje “de Domingar” nasceu da constatação da existência de algumas ideias soltas e, por vezes, contraditórias, com as quais nos confrontámos sempre que este tema surgia nas pesquisas efectuadas.

De qualquer forma uma ideia parece ser consensual: o traje “de Domingar” não obedece às mesmas normas e padrões do traje “de Luxo” e não tem o despojo decorativo do traje “de Trabalho”. É, por isso o traje em que a mulher pode melhor mostrar as suas habilidades manuais e a sua criatividade.

Por esta razão, escolhemos mostrar o traje por este aspecto da estética e criatividade. Para o fazer separámos cada uma das peças,

\* Este texto é o resultado da transcrição da gravação da tertúlia, pelo que pode conter marcas de oralidade.

A informações e opiniões aqui apresentadas são, naturalmente, da responsabilidade dos seus autores. A transcrição da tertúlia é seguida de um comentário que Rui de Abreu de Lima, apesar de não ter podido estar presente, não quis deixar de fazer, após leitura do texto.

de forma a obrigar o nosso olhar a reparar em cada uma delas, para ver a sua riqueza plástica. Assim, separámos os aventais das saias, dos coletes, das algibeiras deixando que o olhar seja cativado pela beleza de cada peça, em que, por vezes, os padrões criados não ficam a dever a grandes artistas. Por vezes os lindíssimos padrões podem-se confundir com quadros modernistas e, no entanto, foram feitos por uma rapariga analfabeta que não sabia nada sobre modernismo, mas foi capaz de criar padrões com soluções plásticas semelhantes.

Por isso a exposição é também uma homenagem à Lavradeira (fig. 1).



(fig 1. A exposição “Traje de Domingar” no Museu do Traje)

Para facilitar a contextualização do traje no seu uso original, colocámos imagens de raparigas envergando o traje “de Domingar”: de um lado imagens de postais do início do século XX com imagens da feira, porque uma das ocasiões em que este fato era usado era nas vindas à cidade para vender na feira; do outro lado imagens mais

recentes, dos anos 50/60. São imagens que podemos considerar “falsas” porque estas raparigas não eram lavradeiras, eram “modelos” escolhidas pelos fotógrafos para envergar os trajes, não tendo, muitas vezes, qualquer relação com eles.

O folheto distribuído (em anexo) tem uma escolha de textos ditos clássicos que mostram a existência de diferentes opiniões sobre o “traje de Domingar”. São textos de Ramalho Ortigão, em “As Farpas”, de Cláudio Basto, do Tenente-Coronel Afonso do Paço, até texto mais recentes, de Benjamim Enes Pereira e ainda de material variado de divulgação editado pela Comissão de Festas da Senhora d’Agonia.

### **A Tertúlia**

Ao preparar a exposição, deparámo-nos com algumas dificuldades para mostrar o traje “de Domingar”, decorrentes de algumas indefinições, nomeadamente no que se refere aos momentos em que este tipo de traje era usado e às diferenças existentes de freguesia para freguesia.

Por esta razão pareceu importante aproveitar uma ocasião em que se mostra este traje na principal sala da cidade dedicada à investigação e divulgação da etnografia vianense, para juntar uma série de pessoas que estão mais intimamente ligadas com o traje para expor os seus pontos de vista e ouvir os dos outros, num verdadeiro espírito de tertúlia.

Todos os grupos folclóricos do concelho foram convidados a participar e puderam estar presentes, com raparigas trajadas, o Grupo de Geraz do Lima, Grupo Etnográfico da Areosa, Grupo de Danças e Cantares de Vila Nova de Anha e as Cantadeiras do Neiva.

No início da tertúlia tomou a palavra o prof. Alberto Rego (que teria de se ausentar, porque o Grupo Etnográfico de Areosa celebrava nesse dia o seu aniversário).

Alberto Rego

Para mim, falar sobre o traje “à Vianesa” é uma das coisas mais gratificantes! Não gosto que lhe chamem traje “à minhota”, até porque aprendi que, em Itália, chamar “minhota” a uma rapariga tem um sentido muito negativo. Vou contar um episódio que se passou com um embaixador de Portugal que se apresentou numa cerimónia com a esposa trajada de Noiva de Viana e disse: “apresento a minha mulher que está trajada à minhota”. Isto provocou uma gargalhada comprometida, porque foi entendido que a senhora tinha um comportamento duvidoso<sup>1</sup>...

Sou acérrimo defensor do nome “à Vianesa” e considero que é impropriamente chamado “à Minhota”. Minhotas são as raparigas desde Guimarães até Castro Laboreiro e desde o Lindoso até a Apúlia. Todas elas, mesmo as de Viana, são minhotas, mas as de Viana do Castelo têm uma especificidade muito diferente.

Se há coisas apaixonantes e que me entusiasмам, uma delas é o traje! Os nossos antepassados, tais como Ramalho Ortigão, conseguiram descrever muito bem a sua valia. É que, de um palmo de terra, de um braçado de linho e de um punhado de lã das ovelhas, as raparigas tiram os fios que tecidos com engenho e arte, criam um produto, que serviu para substituir parte das peças daquele traje que ali a Catarina, das Cantadeiras do Neiva, veste: (fig 2)

A Catarina, para mim, é quem tem o trajo mais antigo dos aqui envergados. Antes dos outros, ditos “à Lavradeira”, nasceu este. Comprava-se em qualquer loja, com tecidos de fábrica e as senhoras de algumas posses ou com familiares emigrados, andavam vestidas

---

<sup>1</sup> Minhota tem esse significado porque nos assentos de nascimento das crianças abandonadas, em que não se sabia quem eram os pais, era escrito “madre ignota” (mãe desconhecida) e depois era abreviado m. ignota, que se lia “minhota”. Então “minhota” passou a ser sinónimo de criança sem família, que muito provavelmente se iria desencaminhar na vida, não tendo nenhuma relação com as mulheres originárias do Minho.



Fig 2 - Alberto Rego e o Traje do Neiva

com estes tecidos. Durante muitos anos foi conhecido como o fato das velhas.

E, perguntarão, porque é que andavam com estes tecidos, ou seja, com estes trajes? Porque era o mais comum em tal época e em tais circunstâncias acontecer.

A gente de Viana porém não gosta de ficar por meias tintas, e só encontramos paralelismo à criatividade do trajar da mulher na arte dos estucadores, seus maridos. Por isso, o traje foi-se adornando, chegando à preciosidade que vemos nos dias de hoje, com as noivas e as mordomas que desfilam nos vários números das Festas D'Agonia (umas bem trajadas, outras menos bem trajadas, umas com trajes com bordados riquíssimos e antigos, outras nem por isso, umas com os ouros a fazerem couraças vergonhosas, outras com o ouro bem posto, afinal reflectindo a sensibilidade de quem o usa ou quiçá de quem lhos veste).

A partir deste traje tudo começou a mudar para as gentes de Viana. Esta mudança deveu-se também a razões de economia já que, como se sabe, passámos por ciclos de bastante dificuldade depois dos “brasis” e de todos esses ciclos de riqueza.

Não tínhamos o dinheiro para comprar tudo aquilo que precisávamos para dar cor e vida às vestes de então, mas tínhamos a matéria-prima! Com um braçado de linho e o punhado de lã, depois de tantos tormentos, criavam um atapetado que, depois de armado, serviu a tantas gerações como vestimenta. Primeiro foi usado para o trabalho, depois, dando-lhe cor e substituindo alguns elementos, conjuntamente com algumas peças do fato como o da Catarina, resultou no esplendor do traje de Lavradeira.

As raparigas no Inverno, pela noite, fiavam e teciam, umas com mais habilidade, outras com menos. Umas faziam os trabalhos mais grosseiros, outras os mais finos, ao ponto de se dizer (ouvi isso na Areosa) “Aquela hoje vem uma com saia de lã doce”. Que eu saiba a lã nunca foi doce nem amarga. Então porquê “lã doce”? Porque era macia e mais uniforme na sua textura (também se dizia “lã do Porto”). Quando era lã fiada em casa possivelmente levaria um resquício de mato ou de outros elementos que provocavam algumas comichões e desconforto.

Posso até contar-vos a história de um velho mestre estucador de Areosa, que dizia: “Rapazes, vós agora não sabeis nada! no meu tempo arranhávamo-nos todos no mato das saias das raparigas! Agora é tudo nylon... tudo é macio.” A linguagem aqui usada atesta as realidades atrás referidas.

Como é que surgiu então o traje “à Vianesa”? (fig 3) 011

Historicamente já o enquadramos. Falta-nos agora falar sobre a sua evolução: os primeiros eram de cor natural, que é a cor castanha ou seja da cor da ovelha. Atentem na cor da “fraldilha” que ainda

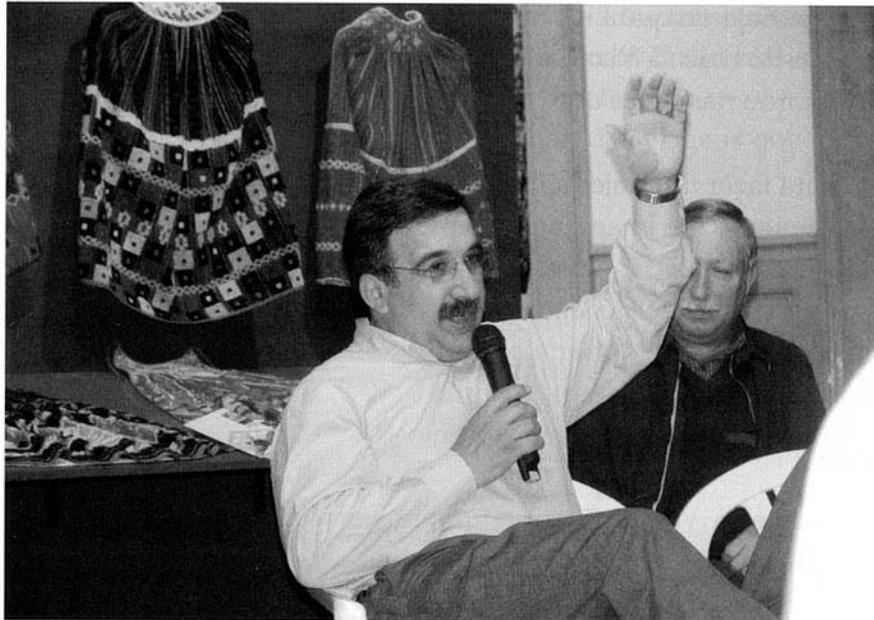


Fig 3 - Alberto Rego no uso da palavra.

hoje é mostrada nas calças dos homens, nos chamados trajes de trabalho.

Hoje pouca gente se vê com esse traje. Às vezes as raparigas de Afife ainda têm a coragem de trazer uma casaca enquadrada nos trajes de trabalho, em especial no do monte. Na Areosa há um traje desses completo, mas para as componentes do Grupo Etnográfico é o “traje do castigo”, porque só quem estiver de castigo é que o deve usar. Dizem que é muito agressivo para a pele, que pica.

Para mim é um dos trajes mais bonitos e mais distintos, uma vez que é o mais antigo e o primeiro a ser criado pelas mulheres de Viana. É o que foi criado por necessidade de agasalho e de protecção do corpo e que menos adornos tem. É também muito resistente perante a agressividade dos trabalhos que executavam, tais como o roço do mato ou as lidas nos campos. Atente-se que as pernas da utilizadora eram protegidas com botas de cabedal de cano alto e sola de pau!

Este traje de que lhes falo é uma cópia, mas é quanto, a nós, a origem do traje “à Vianesa”, que depois ao longo de vários anos, se aprimorou nas peças que o compõem e, muito em especial, na cor.

Para fazer um traje “à Lavradeira” rico e completo, uma mulher tem de ter muita imaginação e muita arte, para conceber e dar sentido às peças tecidas, aos desenhos que ostentam e a toda a composição e cor que existe, em especial na saia e avental. Só gente com muita sabedoria, com muito sentido estético e artístico é que consegue impor um traje que é único e chegar aos dias de hoje com o requinte que todos lhe reconhecemos!

O traje “à Vianesa” nasceu pobre, como já dissemos. Para vermos isto temos que nos reportar a dois séculos atrás. Nessa altura era pobre, mas foi-se enriquecendo naturalmente. E vários foram os contributos que lhe emprestaram e deram forma: foi ganhando cor, com corantes feitos com as cascas disto e daquilo, sempre do que a natureza dá – usando o sulfato e a urina para fixar as cores; e os corantes aprimoraram-se tanto que se conseguiram as várias cores dos trajes, em especial as berrantes como as “vermelhos de Areosa” e as verdes de Geraz.

Tudo isto foi um processo muito lento, que é descrito em alguns textos de distintos etnógrafos.

Evoluiu-se de tal forma que foi possível juntar aos nossos trajes os lenços coloridos que vinham de fora.

Sobre isso costume dizer que do Brasil e das Índias vinham os nossos barcos carregados com produtos que não conseguíamos consumir e que iam ser vendidos pela Europa fora. Entravam no Danúbio, na Europa dita rica, e de lá traziam os lenços que os marinheiros ofereciam às namoradas ou às suas mulheres.

Há também quem diga que foram os soldados franceses que os trouxeram e os davam às nossas vianenses com quem namoriscavam, mas eu não acredito nesta segunda hipótese.

Acredito que tenha sido através do mar, das viagens que se faziam até ao território austro-húngaro. (Fig. 4)



Fig 4 - Os lenços do Grupo Etnográfico de Areosa

As cores já vistas e referidas são as que ainda hoje existem nos trajes de festa, que ao longo do tempo se aprimoraram, criando padrões. Estes padrões têm a particularidade de serem também definidores de cada micro região ou seja da freguesia em que eram usados.

Ao longo dos anos, tal como na tropa (confundindo traje com farda), quiseram dar-lhe nomes: o fato disto é assim, o fato daquilo é de outra maneira – fato de ir à missa, de vir da missa, etc... Naturalmente que não é assim! E aí é que surgem as confusões, porque cada um diz o que lhe apetece, muitas vezes inventado...

Mas atenção: há padrões fundamentais, que são definidores do que é ou não o traje “à Vianesa” e, para mim, há dois tipos de traje:

- Um é o comprado na loja, que pode ser aprimorado ou não (que foi também adulterado com incursões de peças do traje “à Vianesa”) mas que é igual do Minho ao Algarve, continuando pela Galiza e por toda a Europa (que é o que usa a Catarina). É o traje que toda a gente que tinha algumas posses comprava. Era usado para três funções importantes: servir na festa como mordoma, para casar e para ir para a cova. Era o mesmo fatinho, mais adornado ou menos adornado, com colete ou com casaca, com corte mais ou menos elegante e depois ornamentado conforme o gosto.

- O outro é o traje criado pela mulher de Viana, e esse é único! Existem uns vestígios na Madeira (levado por nós para lá) e também nas Canárias aparece, levado pelos madeirenses. Este é o traje que todos temos o dever de defender! O que é concebido pelas mulheres da terra que nos serviu de berço! Viana tem nele um grande baluarte!

Eu tenho muito orgulho na gente da minha terra que, numa época em que todos eram iletrados, mas já de uma grande sabedoria, usando umas travessas cruzadas, urdia uma teia, com os materiais mais simples que tinha disponíveis, montava um tear, e que tecendo, criou tecidos compactos e com desenhos das formas mais diversas, ora inspirando-se na natureza ora em formas geométricas.

Foi preciso evoluir, melhorar e desenvolver muito as técnicas, até chegar aos trajes das raparigas de Viana que vemos hoje, que são autênticas obras de arte! Temos que tirar o chapéu e render as nossas homenagens às mulheres de Viana que os conseguiram fazer e adaptar a várias funções de forma tão elegante.

Com o decorrer dos tempos, vêm as derivações porque nem sempre se ia à festa, por isso nem sempre se usava o traje mais rico.

Para mostrar o que eu penso acerca desta evolução vou socorrer-me destes exemplares de Areosa. Peço às meninas que se mostrem:

A Sophie (fig 5) tem um fato que Amadeu Costa, Rosa Araújo, Quintas Neves, quando fizeram uma demonstração de trajes, no Sá de Miranda, classificaram como fato “de Domingar” antigo.



Fig 5 - O Traje de Domingar antigo do Grupo Etnográfico de Areosa

Durante muito tempo, na segunda metade do século XX, o presidente da Junta de Areosa vestia algumas das suas filhas (ele era pai de sete raparigas) com este traje, mas com umas flanelas muito ordinárias, para o exibirem na Festa do Trajo integrado nas Festas d' Agonia.

Quando o Etnográfico de Areosa apareceu, tivemos algumas dificuldades em perceber o que era aquele traje e, depois de alguma investigação, conseguimos perceber que neste exemplar se mostrava o início do aligeirar do traje “de Festa” para o “de Domingar”.

Aqui já vamos percebendo que o “de Domingar” é mais simples que o “de Festa”. O traje deixou de ter os dois lenços (cabeça e

pESCOÇO), deixou de ter os bordados, passou a ser mais ligeiro, mas tem praticamente tudo o que o identifica, inclusive as meias e as chinelas.

Como por certo já entenderam, eu identifico-me com a corrente que diz que o traje “à Vianesa” se divide em 3 grupos, independentemente da cor:

- Trajo “de Festa”, “à Lavradeira” ou “de Luxo”, nas suas cores demarcadas e específicas;

- Trajo “de Domingar” ou “de Feirar”, como um grande grupo entre o usado no trabalho do campo ou monte e o usado na festa;

- Trajo “de Trabalho”, que eram os outros, os dos restos. Para trabalhar usavam aquilo que era velho, ou que propositadamente era confeccionado com o que de menos rico havia disponível.

Ao falar do traje “de Domingar”, quero desde já dizer que não existia um “traje de ir à missa” e outro “de vir da missa”... o traje era o mesmo!

Podiam ir até à igreja descalças, mas calçavam-se à entrada. Limpavam os pés já que os caminhos de então estavam cheios de lama – por isso é que usavam as piúcas – e só punham os chinelos ou socos quando entravam na igreja. As piúcas, quanto a mim, são um aproveitamento do que restava da meia e permitiam proteger a perna e manter boa aparência com um simples limpar dos pés, quer fosse na ida à missa quer fosse na ida à vila.

Quando vinham à vila vender o leite ou as couves ou outros produtos das suas lavras, também vinham descalças. Mas mal entrassem na cidade, na passagem da Cancela de Areosa, tinham que calçar os chinelos ou socos, porque doutra forma o polícia multava-as.

Por razões de economia chegavam a andar na vila ora com um, ora com outro pé calçado.

Mas o traje foi sempre como o conhecemos hoje?

Não. Tal como já referi anteriormente, em Perre ainda se usa um fato de saia de riscas com avental tecido em tear caseiro e, por cima, uma casaquinha do “fato das velhas”. E eu acho que está perfeito! Outras freguesias também o usaram.

Ainda em Perre e também em Areosa, usa-se uma blusa de chita ou popeline como a da Luísa e com a saia de riscas.

Nota curiosa é que, nos primórdios do século XX, as raparigas foram proibidas de participar com eles nas Festas d’Agonia porque achavam-nos desvirtuados. Quanto a nós, com este traje chegou-se o fim da evolução do traje “à Vianesa”.

Os trajes “de Domingar” ou “de Feirar” fazem a transição entre os da festa e os de trabalho. Vamos ver agora dois exemplares (eu pensava que estava aqui uma saia branca avergastada, mas não veio... este fato é também de Areosa mas com a saia vermelha). Aqui temos a Cláudia e ali a Patrícia (fig 6)



Fig 6 - O Traje de Feirar ou de Domingar do Grupo Etnográfico de Areosa

E porque é que havia raparigas que andavam com saia branca de linho e outras com saia de riscas? Se as raparigas estivessem num trabalho pesado, ou com calor, em trabalhos de eira, ou andassem simplesmente só por casa, tiravam a saia de riscas e ficavam com a saia branca e andavam assim, ou seja ficavam em saiote. O saiote não era mais que uma peça tecida em linho com um pequeno forro na parte inferior.

Se as mulheres de Viana tiveram imaginação para fazer trajos próprios, não teriam para fazer mais uma saia, a chamada saia branca? (como esta que tem a rapariga de Anha). Isso aconteceu naturalmente e na geração a seguir, aquilo que era saiote passou a ser mais uma bonita saia.

Mas seria para trabalhar que a faziam ou para domingar e feirar? Tenho por certo que a segunda versão é a mais correcta, não descuidando as lidas do dia a dia na casa.

Portanto a evolução do traje é natural, por isso dizemos que traje “à Vianesa”, ao contrário das outras regiões do país, é um traje ainda hoje vivo.

Agora as diferenças desses fatos para o de trabalho...

Há pessoas que dizem que elas iam trabalhar assim todas vistas. Quem já participou numa tarde de sacha de milho, por exemplo, sabe que para tal função não se vai trabalhar com essas roupinhas tão limpinhas, tão branquinhas, tão elegantes... Naturalmente que não!

Quem divulgou tais atropelos foi o SNI, no Antigo Regime! Quando cá vinham acima os “doutores”, com as suas máquinas fotográficas e diziam às raparigas para se vestirem com o traje “à Lavradeira” elas vestiam-se e ouravam-se. Depois pediam-lhes para irem, por exemplo, carregar um carro de palha! E elas ouradas e com o traje “à Vianesa” de festa ou de domingar iam a carregar

um carro de milho e assim foram fotografadas (fig 7). Mau exemplo dado... mas a culpa não foi delas, elas foram mandadas.

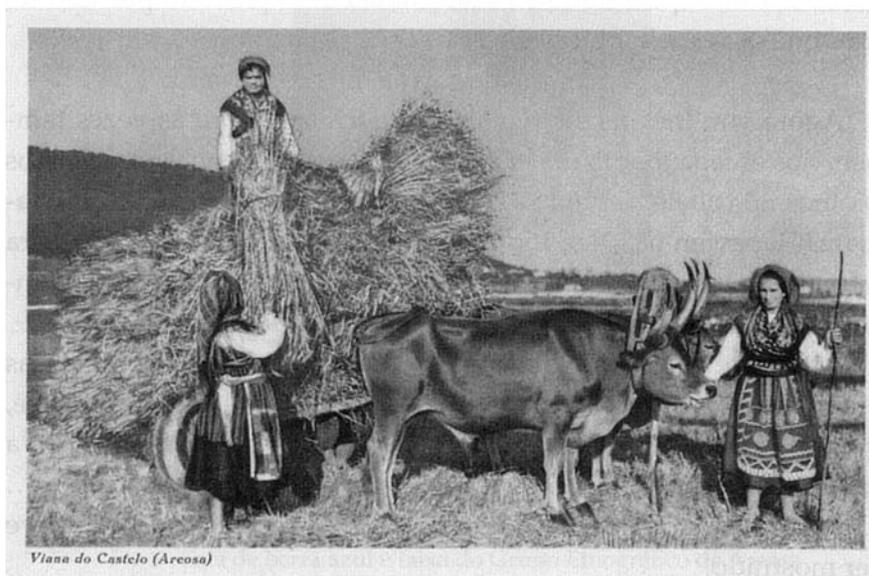


Fig 7 - Fotografia de Aureliano Carneiro (anos 30) encenando trabalhos no campo com fato de lavradeira

Se existe esta confusão é porque o fato era conhecido genericamente como fato “de Lavradeira”, por isso os que vinham de fora não entendiam que havia fatos diferentes para cada função.

Da mesma forma, também alguém mandou esta gente vestir-se e ourar-se com aqueles ouros todos, que pediram às vizinhas, primas e ao padre – ainda há dias o padre de Areosa me disse “Rego, se tu soubesses quem leva o ouro da Santa, lá na festa d’Agonia...”. Os “ouros” foi outra moléstia que nos apareceu aqui, quase como as mimosas!

Acredito que a geração vindoura melhor vai perceber que não se deve andar com tanto ouro, não se deve trazer aquelas coura-

ças. Hão-de perceber que as mães tinham uma prática que não era normal, porque as avós delas não a tinham. E nós estamos a tentar mostrar como que eram os nossos hábitos no passado por isso temos que os respeitar tal como era.

Agora vou-lhes mostrar mais um pormenor, que às vezes também nos escapa: por maus hábitos de falta de higiene, apareciam os piolhos no cabelo. E o que é que as raparigas, ou as suas mães, faziam? Rapavam o cabelo todo! Deixavam apenas uns caracóis para a frente na testa normalmente untados com azeite, por fora do lenço. Se pusessem o lenço para trás via-se que não tinham cabelo.

Isto não é agradável dizer, mas temos que saber como as coisas eram, para perceber o porquê do lenço a tapar todo o cabelo! Hoje, quando às vezes, aparecem algumas raparigas com o lenço para a frente, pergunta-se logo se está com algum problema no cabelo... O cabelo faz parte da estética e da beleza da rapariga por isso deve ser mostrado!

É importante que o lenço realce o cabelo, sinal de beleza e limpeza da moça. Umhas com o lenço mais esticado ou remetido, outras menos; umas com as pontas atadas em cima, outras para baixo... é uma arte e um gosto da rapariga, que contribui para o aprimorar do traje que tem vindo a ser feito ao longo dos tempos.

Outro pormenor engraçado, que podemos ver no traje que a Luísa enverga (fig 8). Um dia disse ao Amadeu Costa: "Você conhece na Areosa as Casas em que as raparigas usavam a saia de barra azul, quando em Areosa a barra é vermelha?". Ele ficou um pouco incrédulo e disse que não, e eu respondi-lhe: "Pois bem: são as do Andrel e as da Concha. São as famílias tradicionais da Povoença, que andavam com saias vermelhas de riscas e de barra azul". Quem as representou, e perpetuou até aos nossos dias, foi o Carolino Ramos, no pano de boca da Sociedade Areosense representou este traje de



Fig 8 - Saia de barra azul e faixa do Grupo Etnográfico de Areosa

barra azul (fig 9), que era usado numa “micro região” da Areosa, que em 1900 tinha apenas 4 ou 5 casas. Apesar de ter uma minúscula representatividade, era uma prática, daquela gente que era diferente da dos lugares do Meio e das de Além do Rio.

Aqueles três exemplares, para mim, são fatos “de Domingar” e não de trabalho. Naturalmente se me disserem que a rapariga fazia qualquer trabalho ligeiro com ele, eu aceito, ou que vinha à feira, eu concordo. Qual é a rapariga que não gosta de se sentir bonita?

Ninguém vai a uma *boutique* comprar roupa para ficar pior do que estava! As raparigas da nossa terra tinham esse bom gosto, usavam aquilo que sabiam que lhes ficava bem e as de hoje felizmente têm o mesmo gosto!

Naturalmente a prática do bem trajar nos dias de hoje é importante, se não atentemos aos comentários que ouvimos nos cortejos

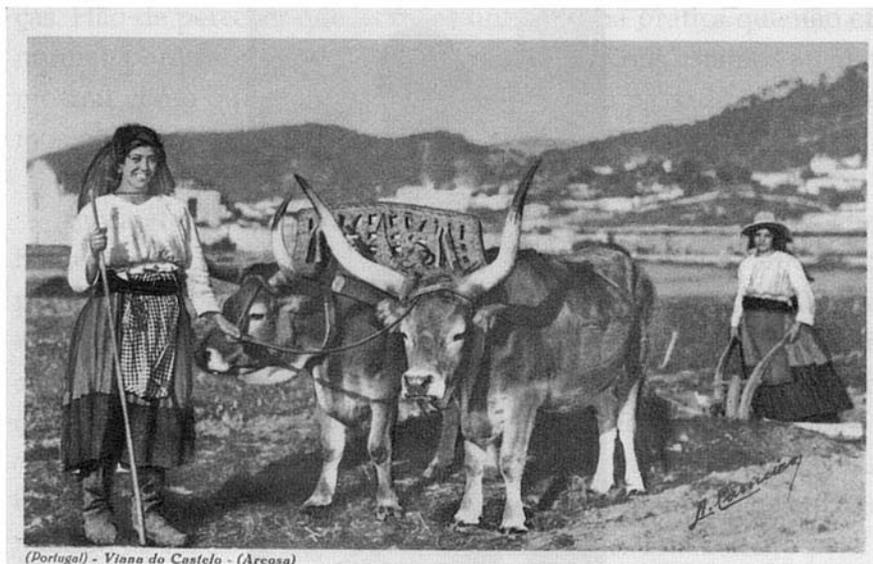


Fig 9 - Fotografia de Aureliano Carneiro (anos 30)  
reproduzida no pano de boca da Sociedade Areosense

das nossas festas: “estas devem pertencer a um grupo ou rancho, as outras coitadas vêm com o Presidente da Junta”...

Depois deste traje, mais vale irmos todos à *boutique* comprar uns “farrapinhos”, porque aqui de artesanal já pouco temos! Os socos são feitos pelo tamanqueiro, a saia é do tear, o chapéu é de palha. O resto é de fábrica, o avental é tecido de fábrica, com os bordados acrescidos; a blusa é de fábrica; a faixa é da fábrica...

As raparigas quando saíam com o cesto para ir à veiga, ao fim de tarde, podiam ir fazer três coisas:

- apanhar uma manada de lamparões que é um verdadeiro petisco. Por isso, em Areosa e demais freguesias do litoral, a faixa servia para prender a saia, e a segurar à cabeça, quando iam apanhar os lamparões.

- apanhar um cesto de erva
- parar no cruzeiro, lugar estratégico onde o seu “Manel” estava para passar...

O nosso traje é diferente, é único no país, e eu sou um defensor dele como já perceberam! Para mim o traje à vianesa é mesmo esse que foi criado pelas próprias mãos das raparigas. A D. Maria Emília Vasconcelos dizia-me “Oh Rego: tu segura esses trajes, porque os outros andam muito perdidos!”.

Eu estou a chegar de uma reunião do CIOF, de vez em quando lá ouvia as picardias dos meus companheiros nacionais, que diziam ironicamente: “Não é festival se não houver um grupo da região de Viana” e nós retorquimos “Pois claro que não! tem que haver um grupo de Viana com os seus trajes, para haver bom festival!”.

João Alpuim Botelho

Apresentou-nos um ponto de vista muito interessante, de quem já estudou muito e desde há muitos anos, a evolução do traje. Mas gostava ainda de perguntar duas coisas.

O mesmo traje de domingo é apresentado em três versões. Portanto dali para a frente, e quando falamos que o traje hoje ainda pode evoluir....

A.R.

... só dentro dos padrões!

J.A.B.

...e daí passo a chamar a atenção ao que se passou ontem aqui neste Museu. Raparigas de 15/16 anos da Escola de Santa Marta inspiraram-se nas flores dos trajes à vianesa para fazer roupa que vestem hoje.

É um outro tipo de evolução, que acho que é também importante.

Mas também lhe gostava de perguntar uma outra coisa: quais são os momentos e para que funções, se usa o traje “de Domingar”. Por exemplo, o caso da ida à erva: há muitos grupos que tem o traje de “ir à erva” e não o traje “de Domingar”.

A.R.

Exactamente, mas se for sacher o milho, não é o mesmo traje? Para mim é.

Atentemos a uma verdade: uma mulher que faz a lida da casa, tem de fazer tantas coisas! fazer a comida da família, dar de comer aos animais, etc., etc ... se, para cada função tivesse de estar a mudar de roupa, ou era muito rica - e então não fazia, mandava - ou estava doente!

É a velha questão do traje “de ir à missa” e o traje “de vir da missa” ... o padre não muda trajes a ninguém! Agora o que aconteceu é que os grupos querem ganhar espaço para mais um traje. Isso tem acontecido e não é crime, nem sequer uma grande asneira!

As raparigas de Carreço, no fato da erva usam um lenço ou ao peito ou em diagonal às costas.

Um autor de uma revista local, nos anos 50, que pôs um lenço na diagonal. E hoje é normal as raparigas de Carreço andarem com os lenços na diagonal, mas aquilo foi revisteiro, nasceu dessa Revista. Não há mal nenhum em andar assim. Qual é o problema?

Para mim há, com pequenas nuances, os três grandes padrões que já referi: Festa, Domingar e Trabalho

Há questões muito mais importantes, como é a de percebermos que este traje nasceu por existia uma grande dificuldade económica, e que é a partir deste traje que nasce outra arte que é o bordado de Viana e não o contrário. Primeiro nasce o traje e depois os bordados. E isso é um contributo das mulheres de Viana, que conseguem inspirar as senhoras de então a desenvolver e a continuar essa obra.

J.A.B.

Uma rapariga de Areosa quantos trajes tinha? Qual o seu “guarda roupa”?

A.R.

Às vezes tinha um fatinho, que lavava de manhã para vestir ao fim da tarde ou à noite. Se houvesse dois, queria dizer que havia algumas posses.

Talvez seja mais real dizer que tinha várias peças soltas. Mesmo no tempo destas primeiras saias. Ninguém tinha muita roupa.

Claro que depois vieram tempos mais desafogados o traje desenvolveu-se e foi quando se fez o fato de festa. É aí que começam aparecer outras coisas.

Temos o exemplo das meias. As meias existem há 300 anos, inspiradas nos homens dos Pirinéus. E como é que elas começaram? Com farrapos à volta das pernas. Eu lembro-me de ver as mulheres da Areosa a meter farrapos nas botas de pau antes de ir para o monte, para proteger as pernas... lá dinheiro para meias é que não havia! Mas as pernas tinham que ser protegidas pois o mato picava!

E saíam às três de manhã e vinham ao meio dia com o carro carregado. Que roupa é que elas levavam? A mais velha, claro!

Iam com o princípio do traje, ou seja, iam com a estopa, com a lã de cor natural. (que ainda se vê em Afife e é o tal fato que em Areosa chama o do castigo).

Agora, identificar épocas dos trajes é complicado... Que estes fatos se têm aprimorado muito e que hoje as raparigas são bonitas e sabem puxar pelo traje, isso é verdade... houve um tempo em que elas não se aperaltavam tanto.

Basta pegarmos nas fotografias, por exemplo no tempo da D. Judite que aqui está presente. As raparigas também eram bonitas,

mas hoje são mais! ...ou, pelo menos, esmeram-se mais. E o traje também se está a esmerar mais.

Por isso os críticos dizem que os de Viana são diferentes e são mesmo! E nós temos que assumir isso! Daí sermos a terra mais maqueada por esse mundo fora.

Os grupos de Viana do Castelo têm feito um trabalho extraordinário na preservação e na divulgação dos trajes, são um museu vivo que nós temos em Viana do Castelo! E é graças ao seu trabalho que hoje conseguimos fazer demonstrações de coisas que são autênticas e únicas.

Dizia-me há pouco tempo um italiano “Alberto, vós sois dos poucos que conseguis manter as vossas tradições. Nós, em Itália, demos cabo de tudo. E vós não!” E isso é verdade! Nós temos de nos adaptar aos espectáculos, mas há uma coisa que temos: autenticidade no traje e em muitas das danças que apresentamos. Temos valores que são únicos.

Temos uma arte que herdamos e que conseguimos manter, através da sua divulgação. Hoje vemos os nossos designers a inspirar-se nas nossas coisas (ainda agora vimos uma exposição dos licenciados do Instituto Politécnico com essa inspiração) e isso é ótimo!

E agora vão-me desculpar não ficar mais tempo, mas hoje é o aniversário do Grupo Etnográfico da Areosa e tenho de ir já para lá.

J.A.B.

Foram levantadas uma série de questões relacionadas com o traje “de Domingar”, e uma das coisas que eu acho mais interessante é a ideia de que com a lã e com o linho de casa se fazia um traje. Plantava-se e colhia-se - ou tosquiava-se - era fiado e tecido e depois tingido e bordado. Tudo em casa.

Portanto, estes trajes são muito importantes não só porque são bonitos, mas principalmente porque têm um grande significado. Eles são feitos com uma criatividade muito grande e uma capacidade de fazer coisas diferentes. Eles não se repetem, com certeza

que cada rapariga quando fazia o seu traje o queria fazer diferente e mais bonito.

Geraz é um dos casos em que isso acontece, não há documentação precisa, mas consta que o traje da freguesia terá nascido quando a rainha D. Maria visitou Viana. Nessa ocasião foi fazer um dos seus almoços numa quinta de Geraz, subindo rio acima. As pessoas quiseram acolhê-la com uma roupa especial e digna de tão grande honra, pelo que fizeram um traje que tingiram com uma cor diferente de todas as outras, o verde, que é aquele que as meninas de Geraz têm vestido (fig. 10)



Fig 10 - O fato de Geraz do Lima

Em relação a estes trajes nós vemos que usavam as meias – nem as pernas estão nuas, nem são piúcas e os lenços têm franja. É um traje muito próximo do traje “à Lavradeira”, mas vocês dizem que o vosso traje é um traje “de Domingar”.

Geraz do Lima  
Em Geraz não há outro...

J.A.B.  
Então trabalhava-se também com este traje?

G.L.  
Não

J.A.B.  
Então, quando se trabalhava, que roupa se vestia?

G.L.  
Era roupa em linho, mas não era este traje

J.A.B.  
As saias também eram de riscado?

G.L.  
Sim, com uma barra, mas não eram saias tão grossas.

J.A.B.  
E as cores? Era o verde a cor usada?

G.L.  
Não, era a cor do linho

J.A.B.  
E os lenços?

G.L.  
Eram os lenços chamados lenços chineses.



Fig 11 - Geraz do Lima

J.A.B.

“Lenços chineses” é um dos termos que se calhar hoje já é difícil saber o significado exacto. Aliás para não perder o significado de alguns termos é que foi feito um pequeno glossário no final da folha que foi distribuída (em anexo), com a ajuda da D. Rosinha Gandra e da D. Rosa Caetano.

José Luís Oliveira

A propósito deste glossário Afonso do Paço quando fala do traje domingueiro refere-se unicamente a Santa Marta e não às freguesias de Perre e Outeiro.

Eu que vim com ar de aprendiz gostava de perceber porque chamam “pregas de imprensa” ao belíssimo trabalho executado nos ombros das camisas? Deduzo eu, que este glossário quando fala de “apanhado bizantino” se refere ao mesmo enfeite.

J.A.B.

Esse texto é de 1870, e os termos podem ter mudado...

J.L.O.

Claúdio Basto, Afonso do Paço e mesmo Ramalho Ortigão, chamam a este tipo de enfeite nos ombros das camisas “pregas de imprensa”.

Gostaria de perceber se os termos “puxado”, “tope” e “borboto” são a mesma coisa ou se apenas são termos diferentes usados em várias regiões do país.

Judite Cardoso

É a mesma coisa

J.L.O.

Muito bem.

Estamos a falar de “Traje Regional de Viana”, não estamos a falar do “traje à Vianesa” quando desfilam trajes “de Domingar”. Traje “à Vianesa” é o mesmo que traje “de Luxo”, “à Lavradeira”, ou traje “de Festa” e o traje “de Domingar” é outra coisa.

É sempre errado quando nos cortejos das Festas d’Agonia chamam ao traje “de Domingar”, traje “à Vianesa”.

J.A.B.

Eu penso que a explicação para este facto está logo no início do Traje à Vianesa de Cláudio Basto quando ele diz: “Fala-se muito, para aí, em traje «à moda do Minho», «traje à minhota» ou «traje à moda de Viana», «traje à vianense», «traje à vianesa» – usadas todas como expressões sinónimas, e, assim falando, dá-se a entender que no Minho há um traje característico feminino, provincial (...) ora, na província do Minho não há, para as mulheres, como para ninguém, um só vestuário regional típico”. Aliás Cláudio Basto esclarece mesmo que só vai falar do fato de Luxo, não explicando nem o de trabalho nem de domingar.

O que aconteceu foi que quando os leigos olham para os trajes não os distinguem. Acham que é tudo a mesma coisa. Só os mais atentos começam a perceber as diferenças, ou quem os vê ao lado uns dos outros e aí pode fazer as comparações.

Foi o que fizemos nesta exposição: colocámos três manequins em que um tem traje de trabalho, outro traje Domingar e outro o traje de Festa, para assim, lado a lado, se poderem ver claramente ver as diferenças entre estes tipos de roupa (fig 12) Não só na decoração, mas também na qualidade dos tecidos, nomeadamente a questão da lã doce ou lã do Porto é bem possível de diferenciar nestes trajes.



Fig 12 - Fatos de Luxo, Domingar e Trabalho

Mas, voltando ao caso de Geraz, é muito curioso, ser usado um único traje.

J.L.O.

Uma outra curiosidade é o facto de ser o único traje de Lavradeira que não tem uma silva bordada no forro da saia.



Fig 13 - José Luís Oliveira

Aníbal Lima

Em Geraz, há duas coisas que não usam: a algibeira e o bombo. Em vez da algibeira, usam um lenço; o bombo, nos ranchos, não é usado. Em relação à silva, todos os fatos nasceram sem silva. Mais tarde é que aparece a silva feita pela Rosinha da Branca, etc...

J.A.B.

Muitas vezes a saia do traje "de Lavradeira", ou seja do traje "de Luxo", (que é a única que tem o forro decorado com uma silva bordada), quando começava a ficar velha passava a ser usados aos domingos ou seja passava à categoria dos trajes "de Domingar". Mas

que nessas alturas a silva era retirada para que não parecesse mal as pessoas estarem demasiado bem vestidas, para não serem reparadas como vaidosas.

J.C.

Queria dizer que gosto muito de ouvir pois estou sempre a aprender.

Mas queria dizer que o que eu ouvi acerca dos fatos “de Domingar” de Areosa não tem nada a ver com os fatos “de Domingar” de Perre, Outeiro, que é o que conheço e onde tenho feito recolhas, por isso não falo das outras freguesias.

É lá que me tenho dedicado fazer recolha e não me atrevo a falar das outras freguesias. Ali sim, tenho feito um trabalho bastante bom, como nunca se viu em Perre. Quem me vir a falar com uma pessoa idosa, já sabe que estou a falar disso, de certeza absoluta!

De há 100 anos para cá, nunca se ouviu falar de barras de saias vermelhas em Perre.

Começou-se a falar de fato “de Domingar”, em Perre, apenas desde que se formou o Grupo e nós temos insistido nesse sentido, mas ainda hoje muitas gentes antigas dizem traje “de Trabalho”, não lhe chamam fato “de Domingar”.

Eu penso que o fato “de Domingar” em Perre - não quer dizer que eu esteja certa, mas por aquilo que eu ouvi e pela recolha que tenho vindo a fazer - deriva sim do fato “de Trabalho”. E talvez daí o usar-se o nome de fato “de Trabalho”; se virmos em fotografias antigas, fato de ceifeira identifica-se muito com o fato de trabalho que hoje é conhecido, com os forros vermelhos, azuis ou pretos.

Portanto, não era habitual as raparigas irem à missa com esses fatos. Em Perre não.

O prof. Rego dizia que não havia diferença. Há sim. Eu já mostrei como se identificavam as saias. Há diferenças. A pontos de eu ter uma saia com cerca de 100 anos, que era da minha sogra e, para mim, tudo

levava a crer que era uma saia de ir ao monte, mas um filho de um lavrador, que também conhece bastante, disse: “Não D. Judite, isso nem parece da senhora! Então alguma vez alguém levava uma saia nova para o monte, com uns forros deste valor e qualidade?”

Mas nunca ninguém fez uma recolha mais cuidada em Perre.

J.A.B.

Há tempos este Museu foi visitado por uma antropóloga polaca, que está a fazer um trabalho na Universidade do Porto. Quando ela percebeu que cada um destes trajes correspondia a aldeias, por vezes vizinhas, e que havia diferenças entre eles, ela ficou espantada, porque disse que na Polónia as diferenças entre os trajes eram só em grande regiões, grosso modo, um traje do Norte, outro do Centro e outro do Sul.

O que a D. Judite está a dizer confirma esta situação de haver uma grande variedade de trajes, com pequenas mas significativas diferenças entre as freguesias. Por isso quando nos diz que em Perre era diferente de Areosa, não diga que está errada, porque é esta diversidade que torna o traje um tema tão apaixonante!

J.C.

Há outra coisa: eu digo saias “abardascadas” e não avergastadas porque estas saias eram feitas com os bardascos, com o aproveitamento dos resíduos do linho, ou seja aproveitava-se tudo ao máximo e é daí que vem o seu nome.

J.A.B.

Em Perre o fato “de Domingar” usado em que ocasião?

J.C.

Sobretudo para namorar, nos dias mais especiais, para ir às romarias de S. Silvestre, Sr.<sup>a</sup> da Cabeça ou seja Romarias mais peque-



Fig 14 - Rosa Lima, Judite Cardoso e Anibal Lima

nas. Mas não vestiam esse fato, por exemplo aqui nas festas da Sra d'Agonia. Isso só se começou a ver com os grupos folclóricos e eu estive ligada ao folclore, mas devo dizer que nós próprios, ligados ao folclore, é que deturpamos muitas vezes os fatos. Somos, nós e são as casas de comércio.

Porque eu tenho cuidado onde compro os fatos para lhes dizer que não deturpem, para não porem uma peça de uma coisa e outra peça de outra, porque se o fizerem passa a ser moda. É como torcer as franjas do lenço e isso passa a ser moda e não podemos deixar fazê-lo!

Muitas vezes o que os directores dos grupos dizem que está errado, continua a ser usado, mesmo quando está mal e passa a ser uma evolução.

Outra diferença em relação ao que o Rego disse da Areosa: em Perre nós temos uma diferença no fato "de ir à feira" e no "de ir à missa".

Mas se fossem as feiras de ano, como é o S. Miguel e na altura da Páscoa, a mulher usava saia de lavradeira com avental, mas em blusa, não traziam fato completo. Se fossem às festas da Caridade já vinham com fato lavradeira completo.

J.A.B.

E a diferença entre o uso da blusa ou camisa de linho era só a vontade de pôr uma coisa mais moderna?

J.C.

Não, quem tinha fato completo eram as filhas dos lavradores mais abastados.

Quando se via uma rapariga numa festa com blusa diziam aquela é “cabaneira” (desculpando a expressão), quer dizer, era filha de lavrador mais pobre, porque se fosse lavrador rico, ela podia fazer o fato completo, porque os lenços, o colete e a camisa linho eram, ainda hoje, bastante mais caras.

De maneira que, quando vinha à feira, não vestia fato completo.

Nós, no Grupo de Perre, mostramos a Lavradeira Rica e a Lavradeira Pobre.

J.A.B.

O termo que D. Judite usou, “cabaneira”, é muito engraçado porque cabaneira é o termo que se usa muito no Norte é usado para se referir a uma pessoa que se mete na vida dos outros. Originalmente queria dizer um lavrador sem terras, que trabalha nas terras dos outros...

J.C.

... que não se podia de dar ao luxo de ter o seu próprio linho para fazer o seu próprio fato.

J.A.B.

Em Perre, quantos fatos tinha uma lavradeira de uma família remediada?

J.C.

Tinha o fato “à Lavradeira”, que era o fato que ela considerava mais, para as grandes festas.

Tinha depois outro, que podia usar com blusa, não quer dizer que as blusas só fossem usadas pelas raparigas das famílias menos abastadas.

E depois tinham o fato “de Domingar”, como ainda hoje, se têm posses, gostam de o ter. Mas naquela altura em qualquer festa sofríamos muito se não pudéssemos ter o fato “à Lavradeira” completo.

Se a casa fosse abastada tinha o fato “à Lavradeira” vermelho e o azul. Mas eram poucas.

J.A.B.

Então tinha: o fato de trabalho que era a roupa mais velha ...

J.C.

... e depois tinha o fato que trazia à feira, que era o mesmo que levava à igreja nos dias de semana. Porque se fosse o dia da adoração na igreja, já ia vestida de maneira diferente: já ia com saia de fazenda, um avental veludo, lenço tapete, lenço chinês...

J.A.B.

Mas quantas saias tinha uma lavradeira remediada?

J.C.

Não sei... mas saias de riscas, tecidas no tear, ai tinha muitas porque em Perre quase não havia casa que não tivesse tear!

Lembro-me que tivemos uma empregada que tingia as lãs, ou seja ia comprar a lã a Ponte de Lima e era ela que a tingia e depois metia-as em água e sal para fixar a cor.

Foi com essa lã que começaram a aparecer as primeiras saias, as ditas saias “abardascadas”. Essa lã era usada para a teia, que era urdida com algodão. Era assim que se fazia em Perre, Meadela, Stª Marta, uma vez que os fatos são praticamente iguais.

J.A.B.

O Grupo da Casa do Povo de Vila Nova de Anha mostra também o seu traje (fig 15)



Fig 15 - Grupo de Danças e Cantares de Vila Nova de Anha

#### **Gr. Danças e Cantares V.N. Anha**

Eu sou nova para falar destas coisas e não me sinto muito à vontade. Há pouco o prof. Rego disse que faltaria o da saia totalmente branca, que seria este que eu tenho.

Posso dizer que quando entrei para o grupo sempre me disseram que este seria um traje de exceção em Vila Nova de Anha, que daquele lado do rio, os trajes seriam escuros, dificilmente seriam vermelhos, que pouco se vêem. Seriam mais escuros, sendo o traje “de Lavradeira” ou “de Festa” o traje mais rico. Nós só temos dois e são azuis, não vermelhos.

Os “de domingo” são mais escuros: temos castanhos e azuis-escuros.

J.A.B.

A Catarina das Cantadeiras Vale do Castelo do Neiva também nos pode mostrar o seu...

C. (C.N.)

O meu traje é de domingo. É completamente diferente em termos de tons, é mais sombrio, no grupo das cantadeiras Vale do Castelo do Neiva todos os fatos são mais escuros do que os vermelhos de Viana. O meu destaca-se mais por ser preto. Mesmo os de trabalho são mais escuros, não há vermelhos.

J.A.B.

No caso do seu traje, nada é de linho?

C. (C.N.)

Nada

J.A.B.

O lenço que traz, no braço, como é que é usado?

C. (C.N.)

Posso usá-lo no braço, por cima do xaile, ou então às costas, como na cabeça no domingo ou ir à missa, dando um nó ou deixá-lo cair, com as pontas descaídas. (fig 16)



Fig 16 - Cantadeiras do Vale do Neiva

Uso-o conforme as situações. Na missa ia sempre de cabeça coberta. Usava-se então descaído, só preso no cabelo, no toco, ou então podia dar um laço e prendê-lo na blusa, com um alfinete.

J.A.B.

Já vimos o Vale do Neiva, Anha, Geraz, Areosa, em termos de trajes, já mostramos todos os grupos que fizeram o favor de vir trajados.

Como é que há esta diversidade toda em termos de trajes “de Domingar” em relação às duas margens do rio, não sei se o professor José Luís Oliveira sabe alguma coisa sobre a questão.

J.L.O.

Dizia Afonso do Paço que o traje “à Vianesa” nunca atravessou o rio. Isto será verdade até uma determinada época. Possivelmente, as terras de Geraz terão sido as primeiras a terem o seu traje “à Lavra-deira”, com a particularidade de usarem a cor verde.

Referindo-me ao traje “de Domingar” de V. Nova de Anha que vimos desfilar, gostaria de dizer o seguinte: aquela saia branca tem o forro de cor vermelha, mas há também saias brancas com forros azuis e pretos.

Ensinaram-me um dia que as diferenças de cor teriam a ver com a geografia da região. Era por isso habitual dizer-se que pelo forro da saia se distinguia a freguesia a que pertence a dona do traje.

Entendi depois, que a diferença de cores tem mais a ver com o estado de espírito da mulher vianense. Há, inclusive, uma frase bem conhecida que diz “A Vianesa ri com o vermelho, canta com o amarelo, suspira com o verde e pensa suavemente com o preto e o branco”.

E, já agora, uma informação, aquele traje “de Domingar”, saia branca e forro vermelho, é hoje o mais procurado pelas meninas da cidade. Temos cerca de duzentos trajes “de Domingar” nos Cortejos Etnográficos das Festas d’Agonia, quase todos com saia branca e forros vermelhos, azuis e pretos.

J.A.B.

Essa questão é muito interessante. Ontem tivemos ocasião de ver aqui, também na comemoração do dia dos Museus, o grupo de Hendaya que veio dançar juntamente com grupo de St<sup>a</sup> Marta. Aí pudemos ver que, enquanto as raparigas de St<sup>a</sup> Marta estavam todas vestidas de forma diferente, e apesar de serem todas diferentes estavam também todas de igual; já as de Hendaya eram todas iguais – apenas com ligeiríssimas diferenças na bainha da saia! (fig 16)

Foi engraçado ver isso porque de facto enquanto um grupo parecia uma equipa de futebol toda igual, o outro era uma alegria de ver com

os aventais diferentes uns com quadros, outros com flores, outros com aquelas cores garridas e nós identificávamos como sendo um grupo com uma identidade.

Temos de pensar no traje não só quando é muito bonito ou muito colorido... E temos de olhar para ele e começar a perceber o porquê de ser o traje mais conhecido e o mais procurado.

D. Rosinha ainda continua na organização dos cortejos das festas da Agonia e eu pergunto porque acha que é o traje “de Domingar” o mais procurado?

Rosa Lima

Porque é o mais prático. As raparigas escolhem-no por estarem mais à vontade, enquanto a Lavradeira ou a Mordoma são de maior cerimónia, mais respeito, e, por isso, têm de ir mais direitinhas; no caso do “de Domingar” podem ir mais airosas, se estiver calor arregaçam as mangas, não estão com problemas e podem dançar e estar mais à vontade.

Além disso é muito mais fácil de vestir, sobretudo nas idades em que as miúdas de 6/7 anos começam a querer desfilar. Quando as crianças vão vestidas com o traje “à Lavradeira”, as cabeças parecem um embrulho, porque os lenços e as franjas, são grandes para as crianças.

Há sempre um grande entusiasmo em fazer fatos para crianças – cada vez mais - e vêm-me pedir opinião e eu digo: traje “de Domingar” fica bem todas as idades!

J.L.O.

Amadeu Costa dizia: O fato “de Domingar” proporciona uma actividade mais vasta, não serve apenas para namorar, ir à missa, ir ao terço, serve também para fazer peditório, feirar, ir à fonte ou pastar o gado. Resumindo: usavam-no para fazerem os pequenos trabalhos de Domingo não considerados pela Igreja razão de pecado.

J.A.B.

O tema do “traje de Domingar” é vastíssimo e não é nossa intenção, – aliás seria impossível – esgotá-lo.

Se não houver mais acrescentar eu agradeço a todos a presença e termino nossa participação no dia Internacional dos Museus. Convido agora todos a voltar a visitar a exposição para rever a beleza e criatividade destas peças de que falámos esta noite.

## ANEXO 1

### Carta de Rui de Abreu de Lima

*Meu Prezado Amigo :*

*Ultrapassada esta quadra festiva, e naturalmente agitada, cá venho cumprir a promessa de comentar o trabalho, que teve a amabilidade de me facultar. Não o faço sem antes enaltecer a iniciativa, pois bem falta faz que as pessoas falem e se debruçam sobre o nosso património. Pena é que, certamente a seu contra-gosto, a iniciativa não tenha suscitado uma maior participação de intervenientes, pois tal teria permitido (admito) um diversificar de informações e pontos de vista e, conseqüentemente, uma maior riqueza do debate e um mais alargado horizonte de conclusões.*

*Quanto ao documento, que atentamente li, tenho naturalmente algumas dificuldades de interpretação por não conhecer as imagens que foram analisadas.*

*Há contudo, e por princípio que sempre defendi, uma afirmação de Alberto Rego que inteiramente subscrevo: “o traje do nosso Distrito é à Vianesa. Trajo à Minhota (e independentemente das conotações. ..) é uma designação genérica, para os diversos trajes que se usam na nossa Província. A nossa maneira de trajar tem características próprias e únicas, que amplamente justificam uma designação específica.*

*Noutros dois pontos, não menos importantes, também estou totalmente de acordo: na forma como nasceu/evoluiu o nosso traje e nas múltiplas confusões que se têm gerado com as designações dadas a determinados trajes. As pessoas, com certa frequência, ao pronunciar-se sobre este assunto esquecem-se da influência dos factores sócio económicos, determinantes nos modos de trajar e ainda por cima confundem a excepção com a regra.*

*Lá porque foi descoberto que uma rapariga usou determinado traje para uma dada função é lícito passar a padroniza-lo como o traje dessa função? É óbvio que não! Quando, por exemplo, se fala em determinados fatos como característicos de certo tipo de trabalho eu discordo plenamente pois, com*

raras exceções (sargaceiros) e alguns complementos específicos (botas, polainas), o traje para as lides rurais era composto por peças indiferenciadas e velhas, isto é, que já não estavam apresentáveis para ser usadas noutras ocasiões.

Tal significa, obviamente, não obedecer a qualquer tipologia/padrão.

Além do mais, e como bem foi referido, o nosso traje característico, tendo por base a lã e o linho, não era de fácil confecção, pois às mulheres não sobrava muito tempo para preparar as matérias-primas e mesmo estas (dado o nosso pequeno minifúndio) não eram muito abundantes. O que é que vinham trocar nos centros urbanos e qual o tipo de comércio que aí florescia? Géneros alimentícios e tecidos, daí a profusão das mercearias e lojas de panos. Se consultassem os registos do comércio antigo de Viana teriam a prova desta teoria. Para mim quanto a trajes de trabalho quase tudo é resultado de lapsos de investigação.

Na minha concepção, antigamente, a mulher tinha apenas três tipos de traje para se vestir: o de trabalho que (salvo as pequenas exceções) era indiferenciado e constituído por roupas velhas, tanto mais que era para sujar; um que vestia após as lides rurais ou quando sabia que ia ser vista e admirada e que não se identifica com o traje à lavradeira; e o fato de cerimonial (mordoma e noiva).

Como fato completo, com características identitárias, o traje à lavradeira é uma criação relativamente recente. Nos mais antigos documentos pictográficos que conheço não surge nenhuma mulher assim vestida: há saias vergastadas, há lenços diversos mas nada de completo e com feição colectiva. No fundo, acaba também por ser um fato de cerimonial, embora com funções menores (tanto mais que é essencialmente para uso profano), pois tem utilizações específicas. O Fato de Lavradeira foi o luxo da criatividade na evolução do traje regional!

Segundo esta óptica o fato de domingo, (tal como o de ir à fonte ou à erva ou à feira, por exemplo) não tem qualquer padrão definido: era apenas o fato que envergavam para ser vistas e a sua composição variava conforme as disponibilidades económicas de cada uma.

*Aqui levanta-se outro tipo de questão: se o traje, durante anos e anos, não era uniforme será correcto os grupos etnográficos apresentarem-se (principalmente o grupo de dança, como é vulgar acontecer) “uniformizados” com trajes à Lavradeira?...*

*Em relação à admitida via de introdução dos lenços eu tenho defendido que a penetração foi feita por terra. As nossas mais antigas crónicas falam dos mercadores e das caravanas que chegavam às cortes. Já, então, os magiares produziam têxteis de fama e já então os seus nómadas (ciganos) viajavam e mercadejavam por toda a parte. Do seu traje característico faziam parte os lenços, inclusive usados de forma peculiar pelos homens, tal como ainda hoje se vê em alguns trajes espanhóis. Na rota dos mercadores orientais que nos visitavam ficava a passagem pelos territórios magiares e eles, para além de sedas e brocados, também traziam artigos para vender ao povo... Por mimetismo, pela beleza e por se tratar de um produto raro é natural que fosse fruto de cobiça para as mulheres. Há várias referências mais recentes falando da sua venda pelos “chineses” que por cá passavam a vender coisas diversas, entre elas lenços.*

*Aqui está um tema que merecia aprofundada investigação.*

*Neste conjunto de considerações procurei sintetizar os meus pontos de encontro e desencontro com o que foi afirmado durante a tertúlia.*

*Ressalvo reconhecer que o acto de trajar é vivo e dinâmico, pelo que hoje se aceitam modos de vestir e interpretações que há uma dezena de anos eram considerados incorrectos/inaceitáveis (certas maneiras de ourar são o mais flagrante exemplo) - o que não impede que defenda um certo purismo, que sirva de travão à desenfreada e pouco escrupulosa, por falta de fundamentos/conhecimentos, modernização... principalmente quando a mascaram de tradição.*

*A missiva já vai longa, mas como a temática proposta dava “pano para mangas” não a consegui encurtar, mesmo só tecendo alguns considerandos muito superficiais.*

*Como bem sabe tudo o que foi escrito sobre o nosso traço está datado e resulta da observação pessoal que os investigadores fizeram sobre o que havia na sua época. Investigação ao passado não há: por exagero, é como se o nosso traço tivesse nascido no tempo do Mestre Cláudio. Mas isto é outro assunto, e não me quero alongar com divagações...*

*Esperando ter correspondido ao seu interesse em ouvir a minha modesta opinião, felicito-o mais uma vez pela iniciativa que levou a cabo e que, espero, tenha continuidade pois o ajuntar de ideias e o debate só contribuem para enriquecermos o nosso património*

*Um abraço amigo do*

*RUI DE ABREU DE LIMA*

*Amadora, 5.Jan.08*

## ANEXO 2

### **Textos sobre o Traje de Domingar**

Algumas achegas para esclarecer o seu significado

O Museu do Traje de Viana do Castelo apresentou, entre os meses de Fevereiro e Junho deste ano uma exposição intitulada Traje de Domingar, em que promoveu o estudo e a divulgação desta forma de trajar.

Esta exposição enquadrou-se na missão de recolher, estudar e divulgar o património etnográfico - do Alto Minho em geral e de Viana do Castelo em particular – que o Museu cumpre e pretendeu chamar a atenção e enquadrar algumas ideias acerca deste traje, sobre o qual há muitas dúvidas, confusões e até ideias contraditórias.

O Museu, assume assim o seu papel de verdadeira montra das tradições e da identidade vianense, expondo uma parte do seu riquíssimo acervo, realçando o seu enorme sentido estético e beleza destas peças, mas não esquecendo a importância de o compreender o seu enquadramento no contexto do mundo rural tradicional alto minhoto.

#### **O Traje de Domingar**

Traje de domingar é uma designação genérica que indica um tipo de traje mais cuidado do que o de trabalho, mas sem a pompa do traje de festa. Este traje era usado em diversas situações em que a mulher se queria apresentar mais bem arranjada do que no seu quotidiano, o que normalmente coincidia com os domingos, daí a designação genérica pelo qual é conhecido. Era por isso com ele que as mulheres e raparigas para ir à missa ou para ir à cidade, ao mercado ou à feira ou em momentos que se proporcionavam encontros amorosos.

Como é referido no programa da Festa do Traje das Festas da Sra d'Agonia de 1999:

*“É a sequência lógica do traje de trabalho. Pela sua própria designação significa o traje de domingos que não o dos Santos Patronos. E tem no traje do Peditório a sua transição para o fato de gala: na cabeça um lenço de felpo; camisa branca de linho, bordada a branco nos ombros e nos punhos; colete muito simples, sem bordados; saia, avental, algibeira, peúcas e chinelas. Como o era também nas ofertas aos médicos (avença), na ida às romarias; na feitura dos pequenos trabalhos de domingo. Amadeu Costa diria no seu colóquio sobre traje: “trabalhos que a igreja não considera pecado: ir à missa, ao terço, namorar.”*

O traje de domingar e as peças que o compõem, não tem regras ou características muito rígidas e as formas de que se reveste estão relacionadas com o evento em que são usados. Por isso procura-se defini-lo como uma forma intermédia entre o fato e trabalho e o de festa, com um fato que se tem gosto em usar numa ocasião especial, mas que não tem o luxo de um traje de festa.

Não há pois, um modelo fixo de traje de domingar, até porque sendo quase inteiramente feito pelas suas utilizadoras, desde o tecer, ao bordar, ele pode, naturalmente evoluir. A escolha dos padrões - sempre dentro de limites que a comunidade sabe muito bem distinguir e interpretar - e a habilidade para os realizar (quer seja tecendo, quer seja bordando), define o gosto e a habilidade da mulher.

Em 1930 **Cláudio Basto** publicou a sua obra “Traje à vianesa” em que mostrava a importância de ser rigorosos no que se refere ao traje

*“Fala-se muito, por aí, em “traje à moda do Minho”, “traje a minhota”, ou “traje à moda de Viana”, “traje á vianense”, “traje à vianesa” - usadas todas estas expressões como sinónimas - e, assim falando, dá-se a entender que o Minho há um traje característico feminino, providencial, e que esse traje está, por qualquer maneira, particularmente relacionado com Viana do Castelo.*

*Ora, na província do Minho não há, para as mulheres, como para ninguém, um só vestuário regional típico e nem sequer há em Viana do Castelo. (...)*

*“Traje à moda do Minho” ou “à vianesa” (são estas as formas de dizer mais usadas no país, mas, por terras Minhotas, usa-se especialmente a denominação de “traje à lavradeira”) é um vestuário feminino, de festa, de “grande gala”, apenas usado em dias assinalados e por moças de algumas aldeias do concelho de Viana do Castelo.*

*(...)*

*No concelho de Viana do Castelo, porém, há diversas modalidades de traje feminino.*

*Concelho de vária face - ora alegre, viçoso, florescente; ora tristonho por montes escurecidos de pinhais -, ele parece espelhar no vestuário das mulheres o seu mudável aspecto.*

*Aqui, a cantarem entre o canto aberto da terra, cores intensas, - o vermelho das papoilas, o verde dos “pauis”, o amarelo do girassóis, a cor ardente da laranja madura... Além no sombrio dos pinheiros, pelas corcovas tristes da serra, longe do afago embalador do mar a dormir, cores “modestas” (como o povo diz), que parece quererem disfarçar-se com as do solo, como num receoso mimetismo, e, humildes embora, surgem então a dar a graça ao vestuário da mulher as cores da folha - seca, do musgo, do pinhão, da for do rosmaninho, ou da urze, da florinhas singelas que timidamente vivem nas ásperas solidões e que ninguém sabe o nome sequer...”*

Nesta obra, dedicada especialmente ao estudo do traje mais conhecido e vistoso, o traje à Lavradeira, Cláudio Basto não deixa de se referir a outro tipo de traje, que podemos identificar como sendo o de domingar. De facto, ao referir a existência de um traje específico para as feiras e romarias, diferente daquele de “grande gala”, está a abrir a porta para a descrição desta categoria:

*“Não há como as grandes feiras, as grandes romarias, sobretudo, para se admirar a variedade do trajar feminino, cujas cores mais ou menos vistosas, mais ou menos claras, vivas ou “modesta”, melhor sobressaem entre o escuro das roupas masculinas. (...)*

*E é nas grandes feiras, nas grandes romarias do concelho de Viana do Castelo, ou dos concelhos limítrofes, que principalmente surgem, em notável número, os trajes “à lavradeira”.*

*Em toda essa toda confusão colorista da roupas mulheris, tão características de boa parte região minhota, são, na realidade, bem distinguíveis esses trajes “à lavradeira”- nome que, por vago, é tão impróprio, tão impreciso, como o de “traje à moda do Minho” ou “à vianesa”*

*Embora esses trajes admitam - digamos assim - um padrão, a que se cingem no mais importante do seu aspecto geral, Eles apresentam variações apreciáveis, de aldeia para aldeia, - não esquecendo que só em algumas aldeias do concelho de Viana do Castelo esses trajes estão em uso.*

*Com as modalidades que oferece o vestuário “à lavradeira” podem formar-se, pelo menos, três tipos – dois à beira-mar (de Afife e de Carreço, um; e de Areosa, o outro) e um terceiro no interior do concelho (de Santa Marta de Portuzelo e Perre).*

*Há nestes, - como noutros vestuários femininos da região, menos individualizados, - linhas comuns que definem, como se disse, um plano, um tipo geral, - abstraindo das variações locais ou da moda (também há “modas” no vestir regionalístico), abstraindo da espécie e agrupamentos das cores, da forma e disposição dos ornatos e desenhos.*

*É por isso que, olhando fotografias de trajes regionais distintos, o observador, desatento às minúcias do desenho, e que não diferencia o colorido, que o retractsu sumiu confunde naturalmente esses trajes, supondo-os a todos iguais.”*

Temos assim no uso do traje uma gramática de símbolos – e também de modas – cujo significado hoje se perdeu, mas que no momento em que foram utilizados o foram dentro de um quadro pleno de significados, e importância, que exprimem a habilidade da sua utilizadora, mas também, muitas vezes, o seu estado social, se solteira, se noiva, se o marido ausente, e outras informações com relevância para a comunidade em que estava inserido, como aliás

realça **Madalena Brás Teixeira** na obra “Trajes Míticos da Cultura Regional Portuguesa”:

*“Denomina-se mítico o traje que representa a imagem de uma cultura e que tipifica, assume e sublinha a relação de participação do homem com o seu enquadramento geocultural. São trajes de oficiantes. Explicam e integram as cerimónias de carga simbólica local e estão ligados quer a celebrações especiais quer à cadência dos dias e das estações comandadas pelo astro-rei.*

(...)

*A força e o vigor na elaboração de cada um dos elementos e a sua globalidade são tão importantes como a adaptação da forma de cada traje à função que desempenha, acrescida de sinais misteriosos ou incompreensíveis para os não iniciados mas que veiculam a expressão própria da região e da comunidade.*

*Foram consideradas míticas as vestes que, numa determinada região, são invariáveis, pois os trajes, tal como as histórias de carácter mitológico, parecem «arbitrárias, sem significado, absurdas». Mas na realidade têm um sentido, uma ordenação dentro de grupos ou famílias de indumentária, exaltando-se como criações únicas e originais, não sem que absorvam e mantenham algumas características estilísticas de remotas ou mais recentes origens históricas.”*

Esse traje não obedecia, portanto a um padrão regular, inserindo-se o seu uso num vasto quadro de relações sociais.

Esta capacidade comunicativa do traje percebe-se também pelo facto de, num contexto de utilização de uma economia com pouco recurso ao mercado e um peso importante da auto suficiência, a confecção ser feita pela própria utilizadora, que assim podia expressar ao seu carácter e introduzir elementos novos, promovendo assim uma lógica de “evolução natural”, que se perdeu quando o traje deixa de ser confeccionado pela utilizadora para ser simplesmente comprado.

### Descrições:

Acompanhando o que anteriormente ficou dito, podemos analisar algumas descrições (ver glossário no fim do artigo) de trajes que correspondem ao traje de domingo, para podermos ver que ele se reveste de formas bastante diversas.

Este traje mereceu a atenção de viajantes que por Viana passaram ao longo dos tempos, como é o caso de **D. António da Costa** que, no seu livro “no Minho”, em que descreve uma viagem que fez por esta província em 1874, relata a impressão que lhe causou o dia de feira em Viana:

*“Às sextas-feiras o grande mercado figura um verdadeiro baile de máscaras, tal é a variedade e elegância dos trajes campestres que apresentam os milhares de raparigas que das diversas freguesias ali concorrem”*

Este traje não era outro, como vimos, senão o de domingo, o traje que as raparigas usavam para vir à cidade.

Em 1887 **Ramalho Ortigão** passou pelo mesmo local e, tendo tido uma impressão semelhante, descreveu com muito maior pormenor nas “Farpas” o traje que via as raparigas das aldeias vizinhas da cidade envergar na feira semanal de Viana.

*“O mercado semanal em Viana celebra-se às sextas feiras, num largo lanço de estrada macadamizada, á beira da água, ao pé do jardim. A feira é constituída por mulheres de todas as freguesias circunvizinhas, d’aquém e d’além rio.*

*(...)*

*As vestimentas das vendedoras, conservando aqui, excepcionalmente, toda a pureza do costume tradicional, são as mais pitorescas, as mais graciosas, as mais variadas de cor e de linha, as mais felizmente achadas para fazer realçar a graça das formas, a ondulação dos movimentos, o mimo da expressão feminina.*

As saias curtas, descobrindo a base piramidal da perna nua, são de pano carmesim ou de sirguilha, de uma infinita variedade de combinações de lã urdida em estopa, em linho e em algodão: brancas às listras pretas, castanhas ou azuis; cinzento às riscas vermelhas, azuis, castanhas ou brancas, numa enorme diversidade de tons.

Camisas de grosso linho alvíssimo, mangas largas, bordadas em apanhados bizantinos no alto do braço, bordadas em entremeios abertos no mesmo linho sobre os ombros, bordadas ainda a linha de cores, á russa, nos canhões chatos, muito justos ao pulso. Grandes colarinhos redondos, de renda ou de linho, com barra de folho ou barra de renda.

O colete muito curto, redondo na cinta, levemente espartilhado, vermelho, cinzento ou preto, sempre guarnecido de uma larga barra de veludo preto lavrado no estilo de Utrecht, ordinariamente pespontado numa espiguiha de ouro ou de prata.

Os cós das saias são invariavelmente de linho branco, com meio palmo de largura, em pregas miudíssimas, presas aos debruns encarnados, pretos ou azuis.

Os aventais estreitinhos e curtos encabeçados em funéos de linho bordado a cores, são de sirguilha com soberbos bordados em ponto de tapete, nos mais ricos tons de escarlata e de azul persa.

Brincos largos de filigrana de ouro. Colares de contas de ouro liso.

Algibeiras pendentes da cintura, a um lado, em ampla châtelaïne de pano, com aplicações policromas guarnecidas de lantejoulas.

Os lenços da cabeça, em toucado de diversas formas, já em grande laço como na Alsácia, fazendo diadema sobre os cabelos apartados ao meio, já achatados no alto da cabeça, á semelhança do que usam as mulheres dos Apeninos, já envolvendo o rolo da trança sobre a nuca e caindo em duas pontas entre as espáduas, são ordinariamente vermelhos, de um magnífico vermelho ardente, de púrpuras, cor da flor dos cactos.

Aponto à pressa, em notação de resumo telegráfico, alguns tipos que se destacam aos meus olhos com mais particular relevo.

Uma velha. Sessenta a setenta anos. Rija e direita. Saia muito curta, cinzenta, com barra escarlata, altos tamancos, pernas secas e vermelhas, de perdiz. O lenço em desenhos persas, azul, verde e amarelo, prendendo a trança. Cabelo espesso, crespo, grisalho claro, caindo na testa e formando suissas de cada lado do rosto. Grandes olhos pretos, nariz grego, dentes magníficos. Arrecadas de filigrana. Colar de grandes contas de ouro polido. Jaqueta curta, desabotoada, de pano azul escuro com botões amarelos, [camisa com] mangas muito justas, gola inteira e redonda. Longo colarinho de folhos, fechando em bofé no peito. Vende leite.

Jovem viúva, tecedeira em Cardielos. Vende pano. Morena, olhos castanhos, boca fina. Cabelo louro em bandós lisos. Lenço de seda preta, atado em laço à alsaciana no alto da cabeça. Saia de linho branco em riscas de lã preta e barra preta. Camisa bordada a branco. Colete de pano preto, abotoado no peito com quatro botões de ouro liso dispostos em quadrado. Grande colarinho redondo cercado de renda engomada. Arrecadas e colar de ouro.

Outra tecedeira. Rapariga de Santa Marta. Busto cheio, solidamente modelado; cinta fina, cabelo louro anelado, olhos azuis, nariz levemente arrebicado, boquinha gorda. Colete azul bordado a vermelho e a ouro. Saia azul com listras e barra encarnadas. Avental em bordados felpudos azuis e encarnados. Camisa de folhos no peito e nos ombros. Algibeira vermelha com lantejoulas de ouro. Grande lenço de algodão vermelho, em prato sobre a testa, contra o sol. O seu aspecto lembra uma festival fogueira do S. João, ardendo em pleno dia. (...)

Outra, da Meadela. Vinte e cinco anos. (...) Vestida de cinzento e azul. Gorgete de rendas."

Ramalho Ortigão refere-se especialmente à grande variedade de cores, referindo alguns pormenores interessantes, como a existência de golas redondas nas camisas que podiam ser bordadas com linhas de várias cores e não apenas o azul, como hoje é aceite.

Se estas descrições são essencialmente literárias outros autores procuraram fazer uma descrição mais etnográfica, como foi o caso

do tenente-coronel **Afonso do Paço** num artigo publicado em 1925 intitulado “O Traje à Lavradeira (de Outeiro e Perre em especial e das outras aldeias em geral)” na revista Alma Nova:

*“Vestido dos Domingos: O vestido dos Domingos que também se denomina vestido da missa, por se levar à missa em domingos e dias santificados, é mais pobre que o vermelho, posto que também abunde em encarnados.*

*A saia não é em geral, de lã do Porto, mas de lã nacional, de lã da terra, de lã de ovelha como é uso dizer-se, fiada, a tingida e tecida pelas lavradeiras. É uma saia de riscas vermelhas, pretas e brancas, não tão largas como na saia vermelha, sendo as riscas brancas de fio de estopa e algodão. É certo que muitas vezes, este vestuário é enriquecido com a saia vermelha da lã do porto.*

*Como se destina à igreja e as manhãs são frias, veste-se com um chambre ou blusa de fazenda preta ou de zefir de cores claras e mimosas. Este chambre nas velhas é escuro e têm descansos no peito, de onde cai solto até à altura da cintura. O das novas, amoldado à forma do tronco, ajusta na cintura por meio de um franzido e elástico. Ultimamente, apareceram novos modelos, os chambre de foles, que não são mais que uma espécie de blusa russa, largas, tufando nos braços e acima da cintura. Os chambre são as peças mais desgraciosas e inestéticas do vestuário de uma lavradeira. Sobre eles assenta o oiro, menos abundante no vestido vermelho, limitado a umas argolas ou brincos, cordões ou contas, um Cristo ou uma Conceição.*

*O avental deste vestido é, em geral, de fazenda vermelha com riscas pretas, cinzentas, amarelo canário, etc., enfeitado com requifes ou bordados a cheio e ponto a pé de flor. Em baixo, termina com um folho ou um recorte. Há uns também em riscado, enfeitados com requife tendo um pequeno bolso.*

*Os lenços de lã são estampados, posto que, muitas vezes, sem as barras coloridas, mas salpicadas de flores ou às riscas. É o lenço vulgar da cidade. Quando se usa este traje sem chambre, a camisa é bordada no ombro e enfeitada no punho, trazendo-se então sobre o colete em geral de zefir, com menos enfeites que o acima descrito, um lenço de pescoço de lã ou de algodão.*

Muitas vezes, no tempo mais frio, em vez do lenço do pescoço, usa-se um xaile de agasalho de lã e algodão. Este xaile, que a princípio tinha ramagens tecidas em cores diferentes sobre o fundo em geral cor de oiro, cor de canário o cor de café com leite e se trazia inteiro, passou depois a ser partido em diagonal, com lenço, e a usar-se duma só cor. Sobre ele assentava oiro. Hoje começa a usar-se um grosso de tricana e, em geral, azul-escuro.

A algibeira é do mesmo tecido do vermelho, as meias de fio de Escócia ou seda, brancas ou rosa velha, em vez da chinela, usam-se quase sempre pequenino socos de verniz”

Neste texto percebemos já a existência de várias formas de usar o traje, referindo o autor que as “novas”, as raparigas, tinham gostos diferentes das mais velhas. É também lamentada a introdução de camisas de pano comprado, à tricana, em vez das de linho, feitas em casa.

Temos também uma descrição de **Benjamim Pereira** no catálogo da exposição “Traje Popular” organizada no Museu de Etnografia em 1977 relaciona o traje de domingar com o de Festa:

“As colecções de camisas de linho, de mangas largas e compridas, pragueadas no alto e com painéis bordados nas ombreiras, não raro com legendas amorosas e datas; as colecções de saías, aventais, coletes e algibeiras, perfeitamente hierarquizadas e ajustadas às diversas actividades e funções, designadamente os fatos ricos de festa, com saías de lã escolhida, compridas e muito rodadas, de fundo vermelho, preto ou anilado, com listas verticais brancas e pretas, ou brancas e azuis, lisas ou com «levantados» ou «moscas» de largas barras de tecido de lã azul ou preto, por vezes com «silvas» bordadas a linha branca e uma larga tira de pregas na cintura; os fatos de domingar, do mesmo género, mas feitos com lã vulgar; os fatos de erva (os dos pretextos aceites e sancionados para as raparigas se encontrarem com os rapazes, ao fim do dia, era irem segar e trazer para casa um feixe ou cesto de erva; e o traje para tal situação era notoriamente mais cuidado do que aquele que usaram

*durante o dia nos trabalhos), de saias de fundo branco de linho, com listas pretas ou vermelhas; as saias brancas de linho de barra azul ou vermelha, usadas sobretudo no verão nos trabalhos da ceifa e debulha de cereais; as saias de faldrilha, igualmente listadas, com barras de tecido riscado, dos trabalhos do monte, corte e transporte de matos e lenhas, completadas com a jaqueta, também de faldrilha, e botas de cano alto, com rasto de pau”*

Neste texto, é realçado o facto de a principal diferença entre os dois trajes, não ser de forma, mas sim de qualidade e riqueza do trabalho.

Nos finais do século XIX, inícios do XX temos imagens que nos podem mostrar como realmente vestiam estas raparigas - de que são apresentados neste trabalho alguns postais ilustrados - que nos permitem ver este traje a ser usado num dos seus ambientes, a feira, mostrando a variedade de que se podem revestir.

Como vemos, nestas descrições encontramos diferenças substanciais quanto aos pequenos pormenores que os “puristas” tanto gostam de discutir:

Notamos pois que são variadas as descrições desta forma de trajar, sendo difícil encontrar um modelo, porque ele evoluiu ao longo dos tempos e porque a sua adequação a cada situação o afasta de uma tipificação que, por vezes os grupos folclóricos, os museus ou os cortejos etnográficos caem na tentação de fazer.

Mais interessante do que esta forma reducionista de olhar o traje, é procurar ver e interpretar todas as formas de que se pode revestir, tentando ver a sua enorme riqueza, diversidade e a criatividade que lhes está implícita, procurando assim encontrar as pistas para compreender os seus significados, para o que este artigo, escrito na sequência de uma exposição, procura ser um pequeno contributo.

ANEXO 3  
Pequeno glossário\*

- Apanhados bizantinos** - Enfeite de pregas, geralmente nos ombros;
- Bandós** - Cada uma das partes em que o penteado é repartido ao meio e esticado para os lados da cabeça, cobrindo as orelhas e sendo preso atrás por meio de um coque;
- Barra** - Faixa de um tecido diferente, aplicado na parte inferior da saia, a toda a roda;
- Bofe** - Acabamento dos punhos ou peitilhos da camisa (pregas, rendas, etc) ;
- Chambre** - Casaco de tecido grosso que passava um pouco abaixo da cintura;
- Descansos** - Colete usado para amparar o peito, como um soutien;
- Desenhos persas** – cornucópias;
- Entremeios abertos no mesmo linho** - crivo;
- Espiguilha** - Renda estreita com bicos ou galão estreito às “ondinhas”, aplicado no tecido;
- Faldrilha ou Fraldrilha** – Tecido grosseiro, feito de linho e lã;
- Felpo** - Tecido peludo;
- Funéos** - Trincha, parte superior do avental, franzida;
- Gorgette** - Fazenda muito assedada, usada para peças mais caras;
- Lã do Porto** - Lã industrial comprada no Porto, mais perfeita do que a feita em casa;
- Lã urdida em estopa** – Quando o pano é feito tecendo fio de lã numa teia de linho mais grosseiro (estopa);
- Requifes** - Adorno, enfeite de formato estreito, fita estreita de passamanaria ou cordões de bico para debruar ou guarnecer;
- Sirguilha** - Tecido de lã encorpado e sem pêlos;
- Tricana** - Nome dado às mulheres que deixavam de usar as saias de riscas tecidas e as camisas de linho, para usar roupas à moda da cidade, com camisas de algodão muitas vezes chita. O próprio tecido, ganhou esse nome;
- Zefir** - Tecido fino de algodão muito fino cardado, usado para fazer camisas;
- Moscas** - Decoração feita no momento em que se tece o pano, puxando os fios, que assim fiam com o aspecto de uma pequena mosca pousada;
- blusa russa** - Mangas largas, tufando nos braços bordadas ainda a linha de cores;
- Não foi possível identificar ao que se referem as expressões: *Châtelaine* e **Estilo de Utrecht**.

(\*) A identificação destes termos foi feito com a ajuda de Rosa Gandra Lima e de Rosa Caetano Freitas (Meadela).